



## EDITORIAL

### A PANDEMIA E A ENFERMAGEM

O cenário atual da pandemia comprovou a urgência da valorização de todos os profissionais de saúde, particularmente os enfermeiros. São profissionais que se arriscaram e, ainda, se arriscam para salvar vidas ao mesmo tempo em que enfrentam baixos salários e jornadas desumanas de trabalho. O futuro dos cuidados de saúde no Brasil e no mundo é definido agora: no presente combate à COVID-19. Dados do Ministério da Saúde apontam que pelo menos 484.081 dos profissionais de saúde haviam tido infecção pelo novo coronavírus confirmada até o dia 1º de março. Deles, 470 morreram. É 1,3 morte por dia, ou uma a cada 19 horas, e isso antes da semana mais mortífera da doença no Brasil. O levantamento do Ministério da Saúde usa de duas bases de dados: SIM (Sistema de Informação de Mortalidade), que se abastece da declaração de óbito, e o Sivep-Gripe (Sistema de Informação da Vigilância Epidemiológica da Gripe), no qual o campo de ocupação não é de preenchimento obrigatório. Os dados de 2020 ainda podem sofrer alterações. Levantamentos do CFM (Conselho Federal de Medicina) e do Cofen (Conselho Federal de Enfermagem), porém, indicam que os dados do Ministério Saúde podem estar subnotificados. Eles apontam a morte de 551 médicos e 646 enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem. Ou seja: uma morte a cada sete horas e meia. A pasta estima de que existam no país 6.649.307 trabalhadores que atuem no segmento da saúde. A taxa de infecção desses profissionais é de 7,3%, contra 5% da população em geral. Entretanto, a taxa de letalidade (quantidade de pessoas que morrem em relação à quantidade de casos confirmados da doença) é menor. Enquanto na população em geral esse índice fica em 2,4%, entre os profissionais da saúde ele fica em 0,1%, se considerados os dados do ministério, ou 0,3%, segundo os conselhos de classe.